

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 12 de Abril -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre **five**

mandado
humorístico

avença Sr.
Ex. mo Alvarenga
Eza Brito

154x

N.º 2

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Ricas "amendoas,,!





Os ditos da semana



Fé e comércio

O comercio da capital tomado de sentimentos religiosos que são muito de louvar, porque a aproximação de Deus pôde muito bem fazel-o olhar com menos sofreguidão para a tabela de preços, resolveu encerrar piedosamente os estabelecimentos, em sinal de luto, pela paixão e morte de Jesus Cristo.

Para o comercio, correr os taipais e fechar as portas, corresponde a pôr gravata preta e fumo no chapéu.

O comercio manda em sua casa e ninguém o pode impedir de exteriorisar a sua dôr pela tragedia do Calvario. Resta-nos, porém, o direito de critica, de que o *Sempre Fixe* não abdica. Durante uma semana—a Semana Santa—o honrado comercio, comoveu-se apenas num dia—o de sexta-feira—e só nesse dia encerrou as suas portas. O comerciante fechou o estabelecimento e entrou na igreja para se penitenciar aos pés do altar, por ter levantado o preço dos generos, mas teve o cuidado de o fazer na sexta-feira, quando as ruas estavam quasi desertas, e pouco haveria a perder. Na quinta, que foi dia cheio, em que andou uma onda de gente pelas ruas, o comercio não se comoveu e não fechou, que o comercio sempre soube harmonisar os seus interesses com a fé, e não ha dôr humana que seja capaz de fazer esquecer a um comerciante que ganha 50 0/0 num carrinho de linhas marca Bispo.

Harmonizando o balcão com o altar, o comercio cumpriu a sua missão—ganhar o ceu e ganhar a vida.

Prender a policia

O ultimo edital do comanda da policia pede ao publico que prenda a policia. E agora é faltar, vilanagem! Agora é que é tirar o ventre de miserias. Virou-se o feitiço contra o feiticiero. Aquele privilegio que antes pertencia exclusivamente à policia, alargou-se agora à população inteira. Os policia prendem a gente e a gente prende os policia. Quem melhor as tiver, melhor as joga. E' necessario haver coragem e decisão. Que ninguém se atrapalhe, nem prenda com pieguices. Quando se acabarem os que ha, outros virão, para que a todo o cidadão caiba pelo menos meio policia. Já bastava de escravidão.

Num regime de liberdade não se compreendia que houvesse uma força publica organizada para nos prender e ainda menos que, num regime de egualdade, a policia prendesse e não pudesse ser presa.

Amar! Sofrer!

José Forbes Costa enviou-nos o seu ultimo livro «Amar! Sofrer!» Agradecemos a gentileza da oferta, embora o *Sempre Fixe* só saiba ter opinião sobre a primeira metade do livro. Nesta casa só se sabe como se ama. Não sabemos nem queremos aprender a sofrer por males de amor, como aqueles que canta o poeta. A unica coisa que nos comove é, como muito bem diz Forbes Costa: *a santa adoração das estrelinas*. Quando se trata delas, todos nós choramos... por mais.

Exposição de Ex-libris

Recebemos a segunda coletania documental para a historia da primeira Exposição de Ex-libris em Portugal, que Luiz Derouet proficientemente organizou, poucos dias antes da sua morte. E' um elegantissimo volume que honra a Imprensa Nacional e o nosso camarada no jornalismo João Rosa, que, tendo sido o braço direito de Derouet, dirigiu a sua factura. Muito agradecemos a gentileza da oferta.

Um calendario

A Vaccum Oil Company enviou-nos o seu magnifico calendario reclamo. Vistoso, alegre, formosissimo, ensinanos a contar o tempo. Agradecemos à Vaccum a sua gentileza, mas não deixamos de lhe lembrar que muito gos-

tariamos de não dar pelo tempo que passa, porque não temos pressa nenhuma de envelhecer. Para o ano pode mandar-nos um navio carregado de petroleo, que nós lhe daremos rapidamente destino. Um «shake-hands» e muito obrigado.

A semana dos Artistas

O *Jornal Portuguez*, do Rio de Janeiro, deu-nos a honra de reproduzir o desenho de Francisco Valença, publicado na nossa primeira pagina, do n.º 89, representando *Carlos Leal, ardina honorario*, a par da reportagem do *Diario de Lisboa*, sobre a *Semana dos Artistas*. O *Sempre Fixe* lisongea-do com a homenagem, lamenta não ter azas nos pés como Carlos Leal, para soltar um voo até o Rio de Janeiro e dizer ao *Jornal Portuguez*:

—Dê cá esses ossos. Muito obrigado.

Ricardo Covões



Os «cavalinhos» serviram-lhe para ir do Coliseu para S. Carlos, «à ida» luctou como um romano no circo, à volta pôz K. O. o cinematografo e o proprio «Christus».

Lotaria sovietica

A Russia criou uma lotaria original: os premios são constituídos por casas de habitação. Trata-se de uma invenção que, nem por vir da Russia dos *sovieles*, deixa de merecer a aprovação do *Sempre Fixe*, que desejaria poder instalal-a tambem entre nós.

Resolviam-se assim a crise da habitação e a crise de trabalho. Bairros novos surgiriam ahi por todos os cantos e o rude proletario encontraria, a par de colocação onde ganhar a vida, uma casa onde se abrigar das intemperies.

Comprava a gente um bilhete e, se tivesse sorte, apanhava um predio nas Avenidas Novas. Por meio bilhete um predio mais modesto, noutros modestos bairros, por um quarto de bilhete uma casinha pobre nos bairros excetricos, e por uma cautela de 16 tostões uma parte de casa ou um quarto independente com porta para a escada. E como os predios têm outras dependencias, todas uteis e todas tão necessarias que até algumas se chamam assim mesmo, sempre gostavamos de ver a cara de alguns camaradas nossos, quando fossem contemplados, em uma aproximação, terminação ou em um premio insignificante, com certos *apartements* onde só se entra depois de ter a certeza de que não está ninguém lá dentro,

Um caso extraordinário • Amôr e Gloria

(Autobiografia dum futurista encravado)

O dialogo que se segue salienta mais uma das muitas maravilhas do progresso.

— Quando chegaste?
— O mês passado.
— Foi uma grande ausencia!
— Sim, perto de um ano. Não temos parado de terra em terra, por causa das manias do meu marido.
— Ha perto de cinco anos que não o vejo. Quando vocês partiram estava eu no Brasil ha mais de quatro. Deve estar muito acabado.
— Não, cada vez melhor.
— Mas não é muito mais velho do que tu?
— Sim, já vai na casa dos 60.
— Ora abí está. Tu és uma criança á vista dele.

— Puro engano.
— Essa agora!
— Não vês que, precisamente para atenuar essa diferença, ele tem usado de todos os meios, de todos os recursos, de todos os modernos processos. E como sempre andava a par de todas as descobertas e de todos os progressos da sciencia, não ha nada que não tenha feito. Foi esse o motivo da nossa tão larga ausencia no estrangeiro. Andou por todos os especialistas, sujeitou-se a todas as experiências, ás mais dificeis operações, mas tem conseguido o que pretende: rejuvenescer.

— Sim?
— Não imaginas. O que lhe deu mais resultado foram as operações ao sr. Voronoff. Não calculas, depois da primeira, apparece-me em casa como um rapaz de 30 anos. Eu nem o conhecia.

— Extraordinário!
— Mas não ficou ainda satisfeito, porque ainda assim ficava mais velho do que eu.

— E então?
— E então, pouco tempo depois, repetiu a operação. E qual não foi o meu espanto quando vejo apparecer o meu marido na florescente puberdade.

— O' filha, mas por esse andar, daqui a pouco, tens que o tornar a mandar para o collegio!

— Mas não ficou ainda por aqui.

— O que me dizes?!
— Não calculas o que são as maravilhas do progresso; como ele tem conseguido voltar atraz, ás suas idades passadas, já vividas...

— Um progresso que faz voltar para traz, parece antes o contrario. E' um progresso... de caranguejo.

— Ah! mas é maravilhoso.
— E o teu marido não ficou ainda satisfeito, como ias a dizer.

— Pois não, apesar de aparentar já 15 a 20 anos, não se sentia ainda satisfeito e zis, 3.ª operação.

— O' filha, mas que ideia! E depois?

— Depois, não imaginas, quando, daí a dias, entrei no quarto, ele tinha rejuvenescido tanto que já estava agarrado á ama dos pequenos.

A. C.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estofania)



— Estes ovos são muito pequenos. Não os teriam colhido antes de tempo?

Depois da morte de meu Avô, a boa senhora Gloria deu-me o braço e fez com ela a travessia da juventude.

Tinha dezoito anos, muitas ilusões na cabeça e cotão nas algibeiras.

A nossa quinta, bem aproveitadas as terras de cultura, ia-nos dando para comer. Dezeséis anos assim vivemos, na paz do Senhor, ela plantando couves, eu enchendo de beleza o Universo...

Um dia, farto da Província, julgando-me um génio, bati o pé e a sr.ª Gloria não teve outro remedio senão entregar a herdade ao caseiro e acompanhar-me para a cidade.

Lisboa, como se recordam, durante a Grande Guerra, transformara-se num El Dorado. Os provincianos debandavam para a capital, onde vinham tentar fortuna com a mesma fé e alegria com que outr'ora, Abraão demandava a Terra Prometida.

Eu, que aspirava á celebridade, sabendo que só nos grandes meios os artistas conseguem impôr-se, convenci a sr.ª Gloria a fixarmos residencia na capital, na rua dos Bacalhoeiros, 80, 6.º andar.

Daí a meses, um politico, que fora condiscipulo do vôvô, nomeou-me fiscal de carnes verdes, e fiquei adido ao Ministerio da Agricultura, com seiscentos escudos por mês.

Não sendo os meus vencimentos nenhuma fortuna, davam, no entanto, para as despesas da casa, e todos os dias sobejavam cinco centavos, que a velhota dava a um cego que ao pé do sol vinha cantar o fadinho da nossa porta.

Oh! tempo alegre! Oh! tempo feliz! Livre da influencia despotica do meu Avô, enganando a vigilancia da boa sr.ª Gloria, que ao vêr-me garatujar versos imaginava que eu preenchia os impressos da fiscalização das carnes, dei largas á minha fantasia, fazendo muitas vezes gazeta á repartição para fechar um soneto com chave de ouro e abrir outro com gazua de trinco.

Como toda a gente que se preza, quiz transpôr os porticos douzados da Celebridade, publicando um livro de versos.

Para o fazer, li o Só de Antonio Nobre, o Fel de José Duro e as Palavras Cínicas de Albino Forjaz de Sampaio.

Idealizei um poema em 80 sonetos e, se não molhei a pava, comeo o autor do Só, ana chaga aberta dum corpo amado, em compensação introduzi-a nas bentas feridas do meu classico Frei Manoel das Chagas a minha paixão predilecta nas letras.

E' escusado dizer-se que tive de publicar o livrinho á minha custa, porque não houve editor que se responsabilizasse por tanta asneira junta, embora todos me dissessem que eu tinha talento ás carradas.

O livro, que se intitulava Horas de Spleen, viu a luz da publicidade

numa tarde de chuva de Janeiro e, como todos os nossos primeiros rebentos, ficou a amarelecer nas vitrines dos livreiros, á semelhança de certos pasteis de nata nas montras das pastelarias pouco afreguezadas.

Revistas e jornais publicaram o meu retrato, os periodicos de grande circulação transcreveram poesias, os camaradas chamaram-me *pedaço d'ano* e citaram os versos errados...

Houve quem proclamasse que eu era uma autentica *besta* e um critico assanhado e feroz, pilhando-me desprevendo á saída da repartição, dettme um pontapé tão formidavel que, ao recolher a casa, a boa da sr.ª Gloria, vendo-me entrar com a mão direita afagando carinhosa aquele sitio carnudo abaixo dos rins, obrigou-me a despir as calças e exclamou, a choramingar:

— Ai, o meu rico menino! Tem aqui uma nodoa negra! Em que estado lhe puzeram o verso, coitadinho!

De facto, a boa Gloria, inconscientemente, proclamara uma verdade axiomática:

— Os criticos, em Portugal, só servem para sujar os versos dos semelhantes. Raios os partam!

Mas nem tudo foram espinhos. Também houve rosas no meu Calvario. O poeta João, o *Sevilha*, ofereceu-me o retrato e mil e um volumes do seu *Jesus da Nazaré*, que, á semelhança da *Eneida* de Virgilio que inspirou os *Luziadas* ao Camões, foi para mim a fonte inspiradora do meu *Judas no Deserto*.

... Como consegui tornar-me celebre, vão vocês sabê-lo.

A Gloria, meus amigos, devo-a inteirinha ao Nestor Arranha Ceus. Foi ele que proclamou o meu talento, como o Dias Amado o seu depurativo, o Dantas a sua *Ceia dos Cardeais* e o Citroën os seus automoveis. Pela mão dele subi a Torre Eiffel da celebridade.

Diplomata, escritor, poeta e jornalista, ele foi o meu Mecenas, o meu Laureano, o Magnifico.

Com que vaidade o conto no numero dos meus amigos!

Ele é um ousado. Eu sou um tímido!

Enquanto eu lia os classicos, ele afrontava-os com impetos de iconoclasta. Vocês conhecem-no. E' temível!

Não escreve para a turba ignara. E' da *élite*.

A barbicha de fauno e o cabelo apartado ao meio tornam-no irritante, talvez, mas depois de conversado é uma joia.

A sua Arte é inconfundível!

Para ser alguém, começou por aprear os ídolos. Chamou azuleiro ao Alexandre Herculano, troca-tintas ao Camilo e engraxador ao Garrett.

A *Renascença* do Porto publicou-lhe as obras.

(Continua).

Geraldo Sem-Mêdo.



— Agora vá gastar o dinheiro em vinho.
— Não, minha senhora, vou comprar um automovel.

VOZES DE BURRO...

Os vícios DE certa gente...

Ao que parece, não ha pessoa, por mais bem intencionada que seja, que não tenha os seus vícios... embora isto peze á concupiscente poetisa Beatriz Delgado!

Assim, o sr. Gualdino Gomes não pode deixar a sua cornucopia de piadas — e das fortes, a ponto de offender os versos de Antonio Bôto e de Fernando Pessoa... O nosso *Chico da Silva* Passos até se *pela ao consolar-se* com uma certa promessa dos Estrangeiros; o Mario Salgueiro — e pêras! — atradiço como poucos, não pode sentir a falta de uma *Dulcinéa*, mesma barbuda que se apresente.

Mas, ha muitos mais a focar. Por exemplo: o Luis Figueira só está *fixe* quando *embriga* o bom do seu camarada; o Alvaro de Andrade perde-se tanto pelas traduções como o Felix Correia pelas corridas de *cartel*; o *Rocir*, em deitando a olhadela cupida para o palco do Nacional até sente as costas quentes... e o Benoliel, pai dos filhos, até *quentes e boas come* quando lhe faltam as boas e quentes carnes de porco, saboreadas no Descalço de Evora... O Antonio de Figueiredo, esse, não pode compreender, nem a cachimbo, que destino levaram os seus lindos cabelos, bem como o *terribil* Rogerio, por todos os titulos, Peres.

São dois verdadeiros *carecas* nas praças de Lisboa.

Outros e muitos outros vícios existem que, por absoluta falta de espaço, não posso enumerar.

Se quizesse, eu, muito á puridade, podia afirmar que o acima citado Benoliel já digere carne de cavalo, a despeito dos maus olhados da Sociedade Protectora dos Animais; que a autora dos *Namorados* já está conforme com os *Meus Homens* da Mercedes e que os *Faunos* fugiram dos *Bosques*, depois do pastor Aquilino ter recolhido á *Catedral* de Manoel Ribeiro, onde, também, — Santo Deus! — ha santinhas viciadas pela mirra.

E, agora, ponto final. Não quero, de maneira alguma, que D. Beatriz Delgado pense que o palrador está a brincar com os seus *Vícios*, os quais, publicamente vendidos a tômo, foram, e são ainda, tomados em consideração pelos meninos e meninas da bela cidade de Ulisses.

Mas, porventura, não preguntará o leitor assim: «Este escriba de má morte não deveria ser *tosquiado*?...»

Ivinho.



— Já não levas contigo a Micas?
— Não. Ela está um pouco *gasta* e, embora seja nova, não anda boa.
— Nem andou nunca bem. Mas não me digas que é nova, porque é uma artista que a unica coisa que *regassa* bem... são os anos.

Lições de zoologia

O cavalo

O cavalo, como todos sabem, é um batraquio com o tipo de Marquês. Distingue-se facilmente dos outros animais por possuir um anel de braço em forma de ferradura.

Encontra-se geralmente a puxar uma carroça ou a atormentar um cidadão e, embora não possua coleira, paga formidável imposto.

É um dos poucos animais que se dedicam ao sport, de preferência o box, e, não obstante nunca recorrer às casas de prego, nos momentos difíceis vende a crina para arcos de violino.

Duma grande inteligência, já elogiada em portaria no *Diário do Governo*, nunca apresentou a sua candidatura a deputado ou administrador de concelho e distingue com relativa facilidade a palha da fava.

O cavalo, quando se reúne a meia duzia de animais da mesma classe, chama-se Automovel.

O irmão do cavalo chama-se égua. Os primos: macho e mula. Ao contrario do que supõe muita gente, os cavalos e as mulas não se apanham, mas compram-se.

O animal a que me refiro serve para morrer heroicamente nas touradas e para dar nome á Sociedade Protectora dos Animais.

É um dos pouco batraquios que não são abrangidos pelas novas medidas de Salvação Publica. Está isento do Serviço Militar, mas utilizam-no para as Guerras e Revoluções.

Duma abnegação digna dos maiores elogios, este interessante animal, incapaz de se oferecer para uma transfusão de sangue, cede-nos com o melhor dos sorrisos a sua carne, imitando assim o Boi e a Vaca no louvavel empreendimento de dar de comer a quem tem fome.

É por esta razão que os homens futuros, outr'ora acostumados a dar couces em toda a gente, passarão a apanhar couces na bôca do estomago e a verem este transformado em pista de corridas com saltos de obstaculos.

R.

Botes grandes?
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Episodio tragi-comico amoroso

em 1 acto, de "Bocé", prosa e verso de... outros

Personagens: Laura, 22 anos, antiga estrela do grupo dramático do Club Estefania, e Luis, 25 anos, ex-director artístico do grupo «Os Lusos do largo do Caldas, que ainda existe.

A scena representa o interior duma salinha indecentemente mobilada, e prestações, dumas «aguas... roubadas» da antiga rua dos Bemcasados. Ao subir o pano, Laura, que entra pelo F. D., com cara de poucos amigos, vai sentar-se num modestissimo banco de mogno, extraído de raizes de pinheiro, que está colocado á E. Decorrem alguns momentos (os precisos para aborrecer o publico) e ouvem-se, no exterior, doze badaladas-tião-tião-tião. Laura ergue-se de subito, como que impelida por uma ou mais molas dos antigos taxis da não menos antiga Companhia Lisbonense de Carruagens, ainda em serviço, para desgracia do publico, e exclama:

— Meia noite com vagar souou e Luis ainda não chegou.
E fica-se. Ouvem-se passos e Laura sorri. Luis entra. Vem alegre e bem bebido. Cambaleando, canta:

Viva a Folia!
Dançar, dançar;
Haja alegria,
Toca a folgar.

Laura tenta afagá-lo mas é repellido por Luis, que se senta no referido «mócho», fumando um charuto... de 35 centavos. Laura entristece e, numa grande tirada, lembrando-se dos seus gloriosos tempos de amadora dramatica, recita:

Que mal faria a Deus para assim pensar tanto!
Tirou-me o teu amôr; tirou-me o teu carinho;
Abrolhos fez nascer em todo o meu caminho,
Dando-me ainda mais um amargoso pranto!

Laura chora e Luis canta:

Quem por amôr se perdeu
Não chore, não tenha pena!
— Uma das santas do céu
É Maria Madalena.

Laura (avanzando para Luis): — Tu não tens nada no peito. Teus carinhos são desdens. Que Deus me dê a morte...

Luis (atalhando, com ironia):

Levou-a a morte na sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecê-la,
nuncal
Palida e loira, muito loira e fria...

Laura (teimando): — E's, além de hipocrita, um tirano, mas eu hei de adquirir a minha liberdade...

Luis (sempre na mesma attitude):

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe sua.
Eu não te dou liberdade
P'ra pôres os pés na rua...

Laura, vendo que a mal nada consegue, aproxima-se e, menos arrogante, diz: — Toma juizo, Luis. Olha que já andas a ser falado.

Luis, a tempo e com a mesma frieza:

O' mar alto, ó mar alto,
O' mar alto sem ter fundo;
Mais vale andar no mar alto
Do que nas bôcas do mundo.

Laura (chorando): — Mas o que mais me custa é que a

Tua frieza aumenta o meu desejo.
Fecho os meus olhos para te esquecer,
e quanto mais procuro não te ver,
quanto mais fecho os olhos, mais te vejo!

Luis (fingindo-se forte):

Aos meus ouvidos o som enervante das tuas frases vem chegando ainda. Até o vento, só de ouvi-lo, finda uma canção no pinheiral distante.

Laura, vendo-o manso, afaga-o e diz-lhe: — Olha, Luis, escuta-me, pois que

Ha muito já que vivo abandonada e longe do marido;
entregue á sorte, assim desamparada,
Ail quanto tenho sofrido!

Luis (cedendo): — Assim, sim. Lembra-te de que te casaste para a boa ou má sorte. Se chegam desgostos, não te desesperes, nem sucumbas. O bem volta. Tem fé no teu marido. Se ele se afasta de ti, espera-o. Ele voltará, com certeza, para ti...

Laura (atalhando, muito alegre): — E quando chegará esse momento, Luis do meu coração?

Luis (levantando-se e erguendo os braços): — Agora mesmo.
E cáem nos braços um do outro. Trocam beijos e apagam a luz e saem, recitando:

Olhamo-nos. E ao ver o sol que nasce Tornar teus labios ainda mais ve-me-lhos,
Como se nesta hora alguém te amasse — com a loucura de estranhos evangelhos.

(Como se tenham esquecido de que a acção decorre á noite, desce o pano com grande satisfação do publico).

Mario Quintela.

Elevador da Gloria

Um conto oportuno de Mauricio Dekobra que vale a pena reduzir ás suas linhas essenciais:

Um farmaceutico americano tinha inventado umas pastilhas maravilhosas que curavam, em vinte e quatro horas, constipações, tosses, catarreiras e todas as variedades de gripes. As pastilhas continham pó de malvas, pedra-pomes, sulfato de zinco, raspas de veado, oleo de baleia e alguns miligramas de piramadão. Certo do exito, o farmaceutico chamou o seu agente de publicidade e deu-lhe as naturais indicações para uma propaganda monstra.

— Preciso que você me arranje um bom certificado da nossa mais celebre cantora miss Wood Smith.

O agente de publicidade cumpriu o seu dever. Ao outro dia apresentou-se em casa da cantora. Expôs-lhe os seus desejos: um certificado, no qual dissesse que tinha feito uso das pastilhas ficando curada, em vinte e quatro horas, duma bronquite aguda.

A artista, que já estava fartissima de reclamos semelhantes, defendeu-se com energia. Mas por fim, muito assediada, concordou em fazer o certificado, pondo como condição:

— Não serei obrigada a provar as pastilhas.

— Concedido.

— Dar-me dez mil dollars...

— Concedido igualmente.

O agente de publicidade sacou o permanente e dictou:

«Ha três semanas que sofria duma bronquite pertinaz. Provei as pastilhas Maria Lucia e, na mesma noite, pude cantar a *Bohème*, na Opera Lirica. — (a) Wood Smith.»

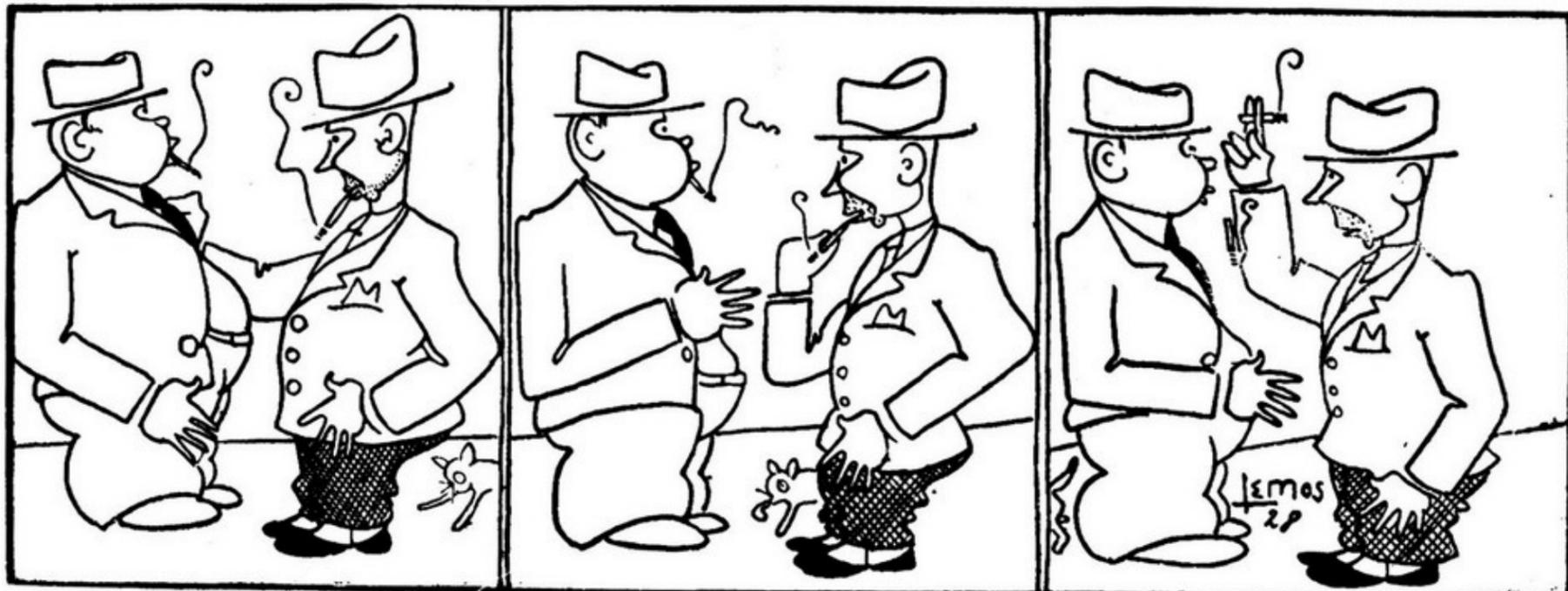
O farmaceutico, quando viu o autografo, ficou radiante. Ao outro dia, em todos os jornais de Nova-York, apparecia o retrato de Wood Smith, com a sua preciosa declaração. Era meio dia quando o agente de publicidade se apresentou nos armazens do fabricante.

— Então?

— Magnifico! O que me surpreende é não ter recebido ainda nenhum pedido pelo telefone... O que lhe parece?

O agente ficou embaraçado. Deitou mão dos jornais. Na terceira pagina lá vinha o anuncio flamante, cantando vitoria. Dobrou a folha. O seu olhar, por acaso, caiu numa noticia em normando. De repente, empalideceu. O farmaceutico, preocupado com aquela attitude, debruçou-se para o jornal. Leram então os dois:

«Temos o pezar de informar os numerosos admiradores da distinta cantora Wood Smith que ela não poderá cantar hoje, na Opera Lirica, em virtude de se encontrar doente, com uma bronquite de mau caracter.»



— Eu nunca dei por isso. Tenho mesmo a certeza que na minha terra não ha nem nunca houve doidos.

— Pois olhe, na minha, para que tivesse um aspecto civilizado, tivemos de inaugurar um manicómio...

... e como não havia doidos, tivemos que dar a lér a um habitante um livro de Almada Negreiros...



A um novo-rico barrigudo, de correntes de berloques, que costuma ir encostar-se todas as tardes á porta da Havaneza, mamando num *Quod Vadis*, dirigiu-se ha' dias um rapaz de aspecto agil e musculoso, perguntando:

— V. Ex.^a é que é o sr. Costa?

É como o novo-rico respondesse, apesar de atrapalhado, afirmativamente, o rapaz concluiu:

— E' que me tinham m'encarregado lhe dar duas bofetadas. Tome-as lá.

E, sem mais delongas, fez estalar duas formidaveis bofetadas nas bochechas rochuchudas do pacifico novo-rico, descendo depois o Chiado em passo desembaraçado.

Os curiosos acercaram-se do novo-rico, estupefactos, enquanto ele ria perdidamente, agarrando a barriga. E, sem compreenderem tão estranha atitude, atiram-lhe dichotes e improperios:

— Poltrão! Cobarde! Idiota!...

O novo-rico que' falar, mas não pode, porque cada vez se ri mais. E só dali a cinco minutos consegue explicar-se:

— Que grande partida. Os senhores não veem que eu intrujei aquele tipo. Disse-lhe que me chamava Costa, quando o que eu sou é Silva...

Uma vingança de Josefa

Numa aldeia da provincia, um individuo era possuidor duma propriedade ras margens dum rio.

Num ano em que semeou de milho essa propriedade, o homem andava desolado. Não porque a sementeira produzisse mal, antes pelo contrario, tinha-se criado soberba, mas porque a maldita bicharada destruiu-lhe quasi toda a massaroca.

A mulher, que tambem andava triste, por vêr a desolação do marido, porfiou entre si que havia de dar caça ao daninho animal, que tanto prejuizo material e moral andava causando.

Por muito tempo fez diversas espreitas, escondida no milharal, até que um dia viu um cágado passeando pela terra. Os olhos fuzilaram-lhe. Vê-lo e lançar-lhe a mão foi obra de um momento. Convencida de que era o cágado que lhe comia o milho, pensou que lhe devia dar um castigo cruel. Aproximou-se da margem do rio e lançou o cágado junto duma represa.

Voltou para casa radiante de alegria e, mal viu o marido, disse-lhe:

— Manoel! Alegra-te. O bicho que nos destruiu a ceara era um cágado. Apanhei-o e lancei-o ao rio, para o afogar.



— Permiti, senhor, que na proxima semana não haja banquetes de homenagem que, se os houver, não sejam a amigos meus; que, se o fôrem, que eu não saiba, e se souber que não me importe.

TAC-TAC-TAC

O ORADOR FUNEBRE

Esta que lhes vou contar nem a devo ás minhas reminiscencias de creança loira, nem a residuos mal digeridos de leituras antigas. Não! Isto passou-se talqualmente o lereis, p-a-pá Santa Justa.

O protagonista ainda hoje se encontra, de vez em vez, quando lhe dá para irromper pelos cafés, tratando por tu toda a gente, metendo as suas rimas forçadas em discursos abacabantes e acabando sempre por pedir, em ar imperativo, algum dinheiro.

Barba intonsa, oculos de aro dourado, não sei que diabo faz este curioso tipo para conseguir andar, se não vestido a primôr, pelo menos sempre muito bem trajado. E' o C. F., que designaremos aqui por Campina Florida.

O Campina Florida torna-se por vezes inconveniente, massador e mesmo insolente. E' por isso que, de tempos a tempos, lhe é proibida a entrada em certos cafés da sua particular predilecção.

E foi porque um dia eu notava ao meu amigo Dr. Carrapato a ausencia salutar do Campina Florida, que o doutor me contou a curiosa anedota a seguir.

O Campina Florida, obtidos no seu peditório *sui-generis* alguns cobres de maior vulto, dera-se, numa noite, a libações por demais copiosas cujo efeito foi ele ir amanhecer lá p'r'as bandas do Alto de S. João, a tempo a que os portões já estavam de guela escancarada, á espera da infalivel freguezia.

Deambulou pelos arruamentos, lendo com recolhimento os diversos pomposos *aqui jaz* dos mausoleus, até que foi encontrar, em torno duma pequena fogueira, uns pedreiros que coziam numa marmitta algumas sardas salgadas. O cheiro do cosinhado aguçou-lhe o apetite. O Campina Florida aproximou-se e meteu conversa. Pois estava apetecivel o diabo do petisco!... «E vinho?» — dizia galhofeiro — «Vocês não tem vinho?»... Rebuscou nos bolsos e, encontrando umas co'ras esquecidas na vespera:

— Pois vá um de vocês buscar vinho. Olhe; aqui tem dinheiro. E traga mais um pão.

Entretanto, assentara-se junto dos

cabouqueiros e, quando o outro chegou com o vinho e um pão, o nosso Campina Florida contava pilherias e já tinha conquistado a sociedade. Comeu, refestelou-se e preparava-se para fumar o seu cigarro quando vê surgir perto um cortejo funebre. Uma ideia luminosa então lhe assaltou a mente. Ergueu-se, escorou-se e incorporou-se no cortejo. Pelo caminho foi-se informando do morto. Era um mestre d'obras, homem que tinha alguma coisa.

— Olhe,—disse-lhe o informador—aquela senhora idosa que ali vai é a viuva.

O Campina, muito composto, muito digno, abordou-a:

—E dizer-se, minha senhora, que um homem tão honrado e bondoso como o defunto não tem, á beira do tumulo, quem, em duas palavras, lhe enalteça a memoria!...

A viuva, a começo desconfiada, acabou por concordar que fôra um grande descuído.

— Mas, agora, onde ir buscar o orador? — perguntava, sinceramente aflita.

— Se V. Ex.^a deseja, eu encarrego-me do panigirico...

— Do que, senhor?

— Do discurso funebre. V. Ex.^a depois dará o que fôr da sua vontade...

A viuva aceitou o contrato e Campina Florida fez chorar toda aquela gente, finalizando o discurso com uma quadra alusiva ao morto.

Um successo! A viuva deu-lhe 20\$00.

Campina Florida resolveu não abandonar o sitio dos seus triunfos e, durante duas semanas, viveu dos discursos á beira dos tumulos desconhecidos, sendo por ultimo os coveiros que se encarregavam de lhe arranjar fregueses.

O Campina Florida impava; já não queria outro emprego.

Mas, um dia, nova bebedeira o perdeu. No meio das aturadas libações, insultou os coveiros, que lhe deram uma sova e o expulsaram dos seus dominios.

Foi então que Campina Florida reapareceu, descendo ao povoado, para tomar o seu café.

Cirano de Velho irac.

Os monumentos d'amanhã



Emquanto o Sporting ri, o Bem... fica a chorar.

CEROUILLAS E CUECAS

De como uma peça de vestuario pode influir no animo duma mulher

— Mas, Mariasinha, minha filha, não percebo a tua resolução!... Tu sabes muito bem que o Castro é o que se chama um optimo partido! E' socio de duas mercearias, lava-se todos os oito dias e fuma cigarros Antoninos! Tu parecias beber azeite por ele e já haviam combinado a data do casamento... Agora vens dizer-me que não queres casar?!... Não te comprehendo!...

Assim falava a D. Efigenia de Lacerda, nutrida dama dententora duns cincoenta anos bem puxados, á franzina e simpatica moreninha que era sua filha, a menina Maria, z. Maricotas — como lhe chamavam os intimos.

— O que queres, mamã, eu já não gosto do Castro. Bem sei que ele tem duas mercearias, se lava todos os domingos e fuma cigarros Antoninos... Mas...

— Mas o que, filha? Diz-me cá, ele disse-te alguma inconveniencia? Beijou-te, afagou-te mais liberalmente? Se foi só por isso, devo-te dizer que já teu pai e meu senhor Ximenes, que Deus tenha a sua alma em reponso, me fazia o mesmo. Esse, até me deu, duma ocasião, um belisco em certo sitio que fiquei quinze dias com uma nodosa negra. Compreendes, são fogosidades do amor... e o amor é miope ou cego.

— Mas, mamã, o Castro, apesar de usar oculos com aros de tartaruga, não é miope nem cego, porque eu nunca lhe permitiria os desacatos que a mamã consentiu ao papá. Naturalmente, foi por causa de uma dessas fogosidades que nasci de sete meses... A minha honra acima de tudo! Sou muito ciosa da minha dignidade e ai dele se se atrevesse! Tinha que comprar uns oculos com pára-choques.

— Então não te entendo, filha da minha alma. Explica-te, desembucha.

— E' que, mamã, o Castro é um pouco antiquado, e eu sou nova e gosto dos homens modernos...

— Oh! filha, isso não parece teul E' certo que teu noivo não anda de casaquinho acima da cintura e calças de legua de circunferencia... Mas anda muito pinoca e sempre muito asseado. Os fatos são sempre em belo cheviote inglês, o calçado da melhor pelica, os chapéus do mais rico feltro e tem aneis com pedras, alfinete de gravata com pérolas... Tu já reparaste nas camisas? Traz em cada dia a sua e da melhor popeline...

— Pois sim, mamã, mas usa cerouillas com fitinhas e eu aprecio mais as cuecas, como tinha o Carlos Eduardo, aquele que me namorou antes do Castro...

— Ahhhhh!

F. G. Costa.



— Carambal! Morreu na lida Du... Varios enfim saber a ida... que tinha.

BOM HUMOR

— O senhor vem recomendado pelo sr. Garcia; mas o caso é que eu não conheço semelhante criatura.

— Não faz mal. Eu apresento-lh'a...

* * *

O hábito:

— Veja, sr. doutor: a tarde morreu!

— Sim... não passará desta noite...

* * *

Vestidos curtos:

Ela: — Não dizes como achas o meu vestido?

Ele: — Ainda não o encontrei, por mais que o procure...

* * *

No tribunal:

O juiz para a testemunha: — Vá nos, minha senhora. Diga-me primeiro a sua idade... Depois prestará juramento...

* * *

— Sou médico.

— Mas o senhor ainda é muito royo para médico.

— Não faz mal, minha senhora. Eu só trato de crianças...

* * *

Na esquadra:

— Diga lá: porque razão se queria o senhor suicidar?

— Para assistir á minha autópsia...

* * *

— Criado! Este bife não é bife.

— Por acaso o senhor é talheiro?

— Não; sou sapateiro.

— Bem dizia eu que o senhor tinha cara de conhecer o artigo...

* * *

— O senhor é tão gordo e diz que é representante dum remédio para emagrecer?

— Claro! Vendo-o todo...

* * *

A visita: — A sua patrão espera-me. Está avisada de que venho a esta hora...

A criada: — Foi por isso, naturalmente, que ela saiu...

* * *

— O meu marido perdeu o emprego.

— De verdade?

— Sim... já não é meu marido.

* * *

— Venho de enterrar o meu médico.

— Até que enfim, homem! Podes viver tranquilo.

* * *

Numa barbearia:

O freguês: — O senhor despediu o seu empregado?

O patrão: — Era um idiota. Imagine, um dos meus melhores clientes deu-lhe uma navalha para afiar. Afiou-a tão bem que o freguês faz agora a barba a si próprio...

* * *

— O senhor quer que lhe guarde a loja, quando sair?

— Mas eu não preciso.

— Sim, sim, precisa. A sua mulher acaba de deitar-se ao rio.



— Que maneira de receber golpes.
— Mas então você não sabe que ele é colecionador?...

Distracções de Leão Lagarto

Leão Lagarto é um excelente rapaz, muito estimado entre as suas relações pelos seus dotes pessoais, e seria indubitavelmente o companheiro ideal se não fosse assombrosamente distraído — triste senão que já lhe tem trazido funestas consequências.

Tem Leão empregado todos os esforços, humanamente possíveis, para remediar semelhante pecha, esconjurando até, com feitiços, o mau olhado que fez de si a distração em pessoa.

Nada, porém, tem conseguido, nem com promessas, nem com feitiços, tendo estes até ainda servido de pretexto para mais uma das suas quotidianas distrações, que dessa vez lhe ia sendo fatal.

Foi o caso que, tendo-lhe a cartomante que consultou aconselhado, como remédio infalível, que, ao dar da meia noite de terça-feira, untasse três vezes as fontes com leite de cabra, lançando depois da janela á rua um chifre de borrêgo, de bico para baixo, Leão Lagarto, ao soar da primeira badalada fatídica, solenemente, untou três vezes com leite de cabra o chifre de borrêgo e atirou-se, em seguida, da janela abaixo!...

Só o salvou, dessa vez, a Providencia que, disfarçada nos seus magros proventos de 1.º oficial... de sapateiro, o alojara num rez-do-chão, por incompatibilidade com a renda de um 1.º ou 2.º andar, que era naturalmente mais elevada.

Leão Lagarto esteve quinze dias de cama, com a cabeça tapada de ligaduras até aos olhos, um braço partido e uma costela rachada.

O caso foi soado e toda a gente acreditou que dessa vez, com semelhante lição, terminara o ciclo das suas distrações.

Parece, porém, que a maldita pecha vinha de nascença, que lhe estava na massa do sangue, pois que Leão, logo que convalescente, fez das suas.

Facil nos será, de resto, acreditar que tal defeito fosse nativo, se considerarmos que Leão Lagarto devia a existencia a uma distração de sua mãe...

Logo de criança, o negregado feitiço se revelou.

Duma vez, por exemplo, estava Leão a ser examinado em geografia, quando o professor lhe perguntou:

— Ora diga-me: Onde fica a Suíça?

Leão Lagarto, subitamente chamado a si da sua perpetua distração, respondeu prontamente:

— Saberá V. Ex.ª que fica ao lado do bigode!

Não tem conto, depois, pela vida fóra, as lamentáveis distrações de Lagarto.

Na vida conjugal é um horror.

Para lhes dar uma ideia, contalhes-hei o caso acontecido no ultimo Natal. D. Pulqueria, ia Leão a sair para o seu trabalho, lançando-lhe os braços ao pescoço, solicitou:

— Não te esqueças de trazer para o jantar de hoje um bolo-rei. Ouviste, Lagartinho? Vê lá agora se te esqueces!

Foi-se Leão á vida e já voltava, á tarde, a caminho de casa, quando se lembrou da promessa feita. Resolveu ir andando e olhando as montras, até que apparecessem bolos-rei.

De subito, deparou-se-lhe o que desejava. Era grande e tinha o preço marcado — 30\$00. Leão Lagarto entrou, apontou, pagou e, muito contente da sua pessoa, apertou ao lar.

Abancou Leão, abancou D. Pulqueria, abancaram os miudos, e o jantar decorreu na melhor paz e alegria, até que chegou o momento de irem ao bolo — de irem á fava.

D. Pulqueria rapou da faca, endireitou-se, grave e tesa, na solenidade dos grandes momentos, cortou o fio, abriu o embrulho e...

Ceus! Dir-se-hia que D. Pulqueria, atônita, de boca aberta, sem um gesto, sem uma palavra, tinha ficado petrificada, sob a maldição dum genio mau...

Leão Lagarto tinha comprado, em vez dum bolo-rei, uma almofada de vento!...

(Continua).

Lord Nikles.

ERA mas não é... ou eteitos do Jardim Pombalino



D. JOSÉ: — Era? Ah! sim. Era do projecto da Camara.



Se é verdade que não ha fome que não dê em fartura, tambem não ha abundancia que não dê em deficiencia, graças a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo menos, cá na cine-Lisbia assim succede. Depois da autentica invasão dos hunos... e dos outros que atropelou as telas alfalicinas, amontando estreias nos cartazes, os cronistas de cinema tiveram uma breve mas eficaz pausa de semi-breve, com os programas proximos passados. Ha um proverbio que não está arquivado nos ficheiros da Sabedoria das Nações, mas que não é por isso, menos verdadeiro: Enquanto as fitas vão e vêm, folgam os criticos... E assim os criticos cinematograficos tiveram agora a sua bem ganha idade de ouro... americano.

O Tivoli, desafiando todas as suas puritanas tradições, exhibiu durante quinze dias, autenticos e inofensivos, um filme cujo nome não me atrevo a repetir, para não assustar o Moyses... dos Dez mandamentos. Resultado: sete cascos de sobresselente e a presença official de S. Ex.ª o Chefe do Estado, com grande parada — sem piada ao Odeon... — de fardas fotograficas.

O Odeon festejou, ha dias, a 69.ª representação da *Big Parade*, indo agora pela 90.ª. Marcain-se bilhetes para o centenário, quando a Renée Adorée já tiver trinetos e tiverem fallecido os colarinhos do Correia de Barros e todos os equidios das cavalariças do Anastacio. Foi uma fita que deu no *quatre-vingt* e no gôto do publico.

O Politicama deu feras ao Warner, enquanto o Flaviano se passava para o Condes — que continua a propaganda da escravatura branca e da enervação encarnada — e a Huguette exhibia a *mudésyasmónica*. Depois voltou *O Rei dos Reis*, ao apêlo do Rev. Matão, que tambem *matão* o nariz no teatro do sr. Luis Pereira. Não achamos bem, pois *O Rei dos Reis* não é uma fita boa... para amendoas. E até se falou na volta do *Poll-chimbo*... de trança á declamação. Umão é que mestre Aveino perlia a *aura*, á falta da arte colossal da Colaço... ou da Lily Damita. Pelo menos, por agora, já perdeu oito tostões... com a piada.

O Central prendeu a Carmen Boni, lá para as bandas de Xangai... ai!... ai! que assim não vale! Ao Goetzke, para chinês, só lhe faltavam os patinhos... para comer arrós. Actualmente dá a conhecer *O Soldado Desconhecido*.

No Olimpia, pai O'Donnell fundiu, nuna fotografia muito bem temperada, os leões da Metro com as estrelas da Paramount, e abombardeou a Baixa do alto do *Diario de Noticias*, com um artigo metafórico e pitoresco, que causou engulhos no centro... cinematografico. O pretexto foi a vinda do sr. Messeri, Messias da Paramount, que veio de proposito a Lisboa para, na sua qualidade de *matador*, cantar a area da *Carmen* á Avenida, modificando-lhe a letra, assim: *Toreador, aspecta, aspecta ancor*... um grande bocado, que vou a Nova-York e já venho...

A proposito: Consta que o *Diario de Noticias* vai editar um novo semanario em *arrote-gravura*, intitulado: *Noticias olimpico*, todo desportivo... e todo cinegrafico.

Finalmente, a C. M. L. autorizou a inauguração do *Metropolis*... tano, visado pela I. G. T. A entrada é pelo São Luis e a saída pelo mictorio da Travessa dos Teatros...

Retardador.



— Oh! que contente eu estou. Venho de casa do dentista. Ele tinha saído.

ELVIRA, A DOIDA

OU

A tragedia dum humorista

Elvira, aquela encantadora rapariga de cabelos de espanador, boca de baleia e olhar estrabico, foi viver para o largo da Graça, onde alugou um quarto independente com porta para a escada, talvez na esperança de arranjar um outro com escada de salvação para o matrimonio. Admiradora do *Sempre Fixe*, logo de principio sentiu uma forte simpatia pelas crônicas do meu querido amigo e chefe da redação Alfredo França e uma paixão quilométrica pelas minhas criticas teatraes, aquelas celebres criticas que iam ocasionando o suicidio de alguns artistas...

Sentimental em extremo, Elvira, filha de um tenente-coronel, elevado a este posto por influencia da mãe, que descendia duma nobre familia de pastores de ovelhas com cruzamento de vacas leiteiras, não obstante olhar sempre contra o Governo, devido ao seu defeito fisico, por morte de seu estremoso pai, recebe uma pensão que, embora insufficiente para comprar um piano de cauda ou a cauda dum piano, chega para a sua alimentação e para poder mostrar ao publico, nas suas pernas em forma de palitos fosforicos, umas meias com buracos a imitarem ventiladores!

A mãe de Elvira, desgostosa com a morte do esposo, que segundo opinião dum conhecido espirita ainda não conseguiu entrar as portas do ceu, saiu um dia de casa sob o pretexto de comprar um carrinho de linhas e, até á data, encontra-se no Porto em busca da linha que perdeu na companhia dum leiteiro que dava pelo nome de Joaquim.

Elvirinha, desgostosa com aquele incidente familiar, ia morrendo de dor, pois que o malandro do Joaquim estivera feito com ela.

Chegou a primavera, com ela as andorinhas e o uso obrigatorio do «Depurató». A pobre rapariga, ao mesmo tempo que sentia uma fome devoradora de Amor, começou a definir com a mesma morosidade com que são distribuidos os bilhetes de identidade para a gente saber se um homem é filho do pai e uma mulher filha da mãe! Uma vizinha, daquelas vizinhas que aparecem sempre para arrelhiarem o parceiro, aconselhou-a a ler os anuncios do *Diario de Noticias*

e um dia deu-se o inevitavel: Elvira leu um anuncio sugestivo e capaz de endireitar a vista á pessoa mais estrabica.

Era o dum cavalheiro que desejava senhora nova, fina, educada e com coragem para se casar. Respondeu marcando-lhe uma entrevista na Pastelaria Inglesa, no dia 14 deste mês, ás quatro e meia da tarde, e aconselhava o pretendente ao novo suicidio para levar na lapela uma flôr, de preferencia um cravo, flôr esta, na realidade, a mais apropriada para um homem com tendencias a *encravar-se*.

Com a desfaçatez dum mulher doida de amor, dizia na carta possuir os cursos de sciencias e Conservatorio, ter vinte e cinco contos de rendimento anual e «ser sua ambição encontrar um esposo a quem pudesse dedicar um amor louco, em nada seme-

lhante ao amor vulgar e que decerto o pretendente lhe saberia inspirar», etc. E Elvira, aquela encantadora rapariga de 50 anos, de cabelos de espanador, boca de baleia e olhar estrabico, para demonstrar que possuia o curso de sciencias e o do Conservatorio, escreveu proximo com dois ss e mais disparates, proprios de uma mulher possuidora de 25 contos de rendimento e aguardou a data do encontro, com enorme curiosidade, natural numa pessoa que, pela primeira vez, sentiu o coração mais comprimido que uma pastilha de Vermon-Schering.

Chegado o dia da entrevista, a protagonista desta tragedia foi, acompanhada da tal vizinha que interpretava o papel de irmã, á Pastelaria Inglesa e aguardou a chegada do principe encantado que, com uma pontualidade britânica, deu entrada so-

lente no estabelecimento. Assim que Elvira viu o homem do cravo, revirou os olhos e conseguiu endireitá-los. Que belesa de homem!! A juízo não era um homem, mas uma noite sem luar! Da cor do ébano, fato preto, colarinho tão sujo que era quasi da cor do carvão e uma unhas de luto carregado em sinal de sentimento pela morte do Asseio, ela era sem duvida susceptivel de inspirar a mais violenta das paixões á pobre Elvira, que entornou o chá no vestido da vizinha, vomitou um pastel e aproximou-se do nosso heroi, a quem fez a sua apresentação. O infeliz, que era preto, fez-se vermelho, amarelo, alaranjado, verde, azul e, quando já estava parecendo um Arco-Iris, tomou uma heroica resolução: Fugiu!

Como hiena ferida, Elvira deu dois formidaveis saltos, insultou a amiga e saiu para logo em seguida entrar no primeiro taxi nas tintas que passava, não sem jurar em voz alta que se havia de vingar da Humanidade em geral e dos Homens em particular.

E se bem o disse, melhor o fez! De então para cá, desde manhã até á noite, não faz outra coisa senão cantar, como uma baleia em cuja boca metessem um gramofone funcionando.

E eu, que tenho a infelicidade de habitar o predio contiguo, suspendi temporariamente a minha colaboração no *Sempre Fixe* para aguardar que um violento terramoto fizesse derruir o predio e com ele aquela fatidica mulher que teve a infeliz ideia de se instalar no predio para me ensaboar o juizo, fazendo-me perder a inspiração e o bom-humor, apreciaveis predicados que, convertidos em libras de cavalinhos de corrida, eram mais que suficientes para, oferecendo-as ao Governo do meu país, deixar de cara á banda a Sociedade das Nações, essa interessante sociedade anonima de responsabilidade... limitada.

Recix.



—Porque é que sua esposa nunca sai consigo?
—Porque o Pedro não gostaria.
—E porque não gostaria o Pedro?
—Porque é o seu novo esposo.



!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

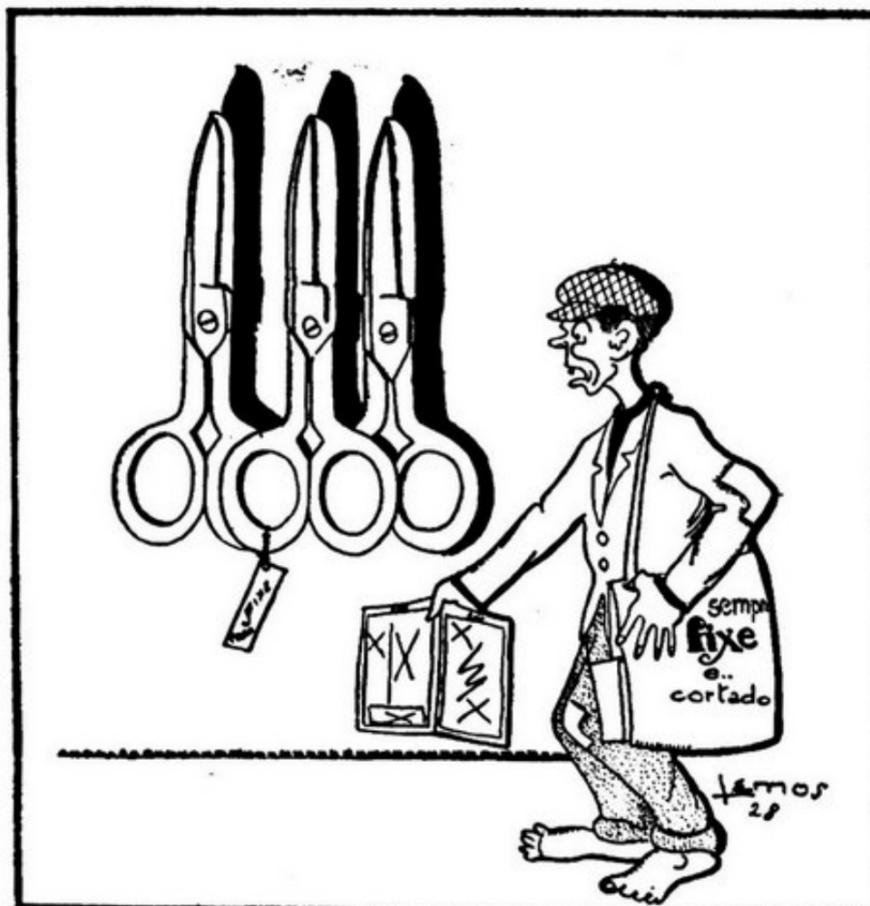
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Figueiros, 84. 1.º D.-Lisboa

As amendoas do «Fixe»



As amendoas de todas as semanas e para todo o ano.



O ultimo peão



— E' uma cobardia, uma infamia atirarem bombas cheias de dinamite!
 — Mas o que é que tu querias? Que atirassem com caixinhas de pomada «Amôr»?



— Não desesperes, homem. Lá diz o dictado: «Não ha miseria que não acabe em fartura». Eu já cheguei a passar fome e, pouco tempo depois, era fiscal das subsistencias...



— O sr. guarda: Quer ter a amabilidade de me dizer onde fica a rua do Sol ao Rato?



— Sim, senhor. E' um instante.. Vai-se já ver aqui no meu rotario...



— Ora diga-me uma coisa: Sol é S ou com C?
 — Com S.



— Para que lado fica?
 — Não sei.
 — Então como quer que eu saiba?



— Ingrato! Leviano! E's tão fragil nos teus afectos...



— Pediram-me um desenho a traço grosso. Querem mais grosso do que isto?